



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista.,

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

## Educação Secundaria

**N**UM dos dias da ultima semana, o dr. Antonio de Sá e Oliveira, illustre reitor do lyceu da 3.ª zona de Lisboa, communicou-me que estava elaborando, para o submeter á approvação do Governo, com toda a urgencia, o regulamento interno do dito lyceu, que no proximo anno lectivo começará já a funcionar no edificio novo, expressamente mandado construir em 1909, por virtude do decreto dictatorial de 23 de dezembro de 1907.

Tendo-me S. Ex.ª pedido, na mesma occasião, que, dentro dos apertados limites de tempo de que dispunha, lhe fornecesse por escripto alguns alvitres aproveitaveis para aquelle effeito, redigi e apresentei-lhe, em 24 do corrente, o seguinte articulado, onde rapidamente procurei fixar alguns pontos cardeaes a que deve referir-se a orientação do ensino secundario e que poderiam resumir-se no seguinte: — é indispensavel que a Escola eduque, em vez de limitar-se a instruir; é indispensavel que ella se funde sobre a lealdade e a verdade, que dignifique o trabalho, que venére o character acima da intelligencia, e que se torne amada do alumno no presente e no futuro, isto é: que elle se

orgulhe de lhe pertencer — e de lhe haver pertencido.

Segue-se o esboço de programma, que aqui desejo fixar como um simples documento de boa vontade, e que decerto pode ser consideravelmente melhorado:

### 1.º

A educação secundaria no lyceu de... tem por encargo a formação do character e do espirito, pelo desenvolvimento harmonico de todas as faculdades, com o duplo fim de fornecer ao meio social individuos equilibrados e fortes, physica, moral e intellectualmente, e ao ensino superior, remodelado sobre a base da livre frequencia, estudantes conscientes das suas responsabilidades, e trabalhadores activos e methodicos.

### 2.º

Pelo que respeita á educação moral, desenvolver-se-ha em cada alumno sentimentos de lealdade, justiça e solidariedade, e habitos de asseio, de ordem, de pontualidade, de trabalho e de perseverança no esforço, fornecendo a todos um ambiente moral irrepreensivelmente saudavel.

### 3.º

Na cultura intellectual — litteraria, scientifica ou esthetica — dar-se-ha toda a preferencia aos processos objectivos e praticos de ensino e procurar-se-ha desenvolver nos alumnos o respeito pelo trabalho manual, o amor consciente da Natureza, e o espirito

de observação, de verificação e de crítica dos factos.

## 4.º

A saúde e o desenvolvimento physico normal dos alumnos serão garantidos pela hygiene da escola, pela dosagem cuidadosa do penso escolar, pelos trabalhos manuaes, pela gymnastica e pelos jogos physicos.

Trabalhos manuaes e jogos physicos serão tambem auxiliares importantissimos da educação da intelligencia e do character.

## 5.º

Para conseguir a formação de um ambiente moral saudavel e tonico, o lyceu terá de rejeitar com inflexivel escrupulo, em beneficio da collectividade escolar, quaesquer elementos de desequilibrio ou perturbação, recusando admissão ao alumno que pela sua idade ou pelos seus precedentes importe afastar, e exigindo de todos os que na escola trabalham — professores, alumnos e auxiliares — a manutenção de uma exemplar linha moral.

## 6.º

O trabalho modesto, mas assiduo, consciente e tenaz, sobreleva, no conceito escolar, ás simples manifestações da intelligencia facil e brilhante.

A vaidade e a superficialidade serão combatidas. O unico premio individual consentido é o que se destine a recompensar o esforço honesto e progressivo.

Nas festas escolares, realizadas com o fim de despertar no alumno o amor da *sua* escola, o espirito de solidariedade e iniciativa, o bom gosto, etc., evitar-se-ha cuidadosamente todo o prurido de publicidade, que as desnatura e torna contraproducentes.

## 7.º

A nota de *procedimento* entra no regime de valorização numerica adoptado para classificação do aproveitamento litterario ou scientifico, e refere-se especialmente ás qualidades de veracidade, lealdade, solidariedade, reveladas ou não pelo alumno no convívio com mestres, collegas e empregados. A *diligencia*, a *atenção*, o *asseio e ordem*, a *pontualidade*, constituem rubricas especiaes de comportamento escolar, sujeitas igualmente ao regime geral de valorização numerica.

## 8.º

O alumno que em algum dos periodos escolares não obtenha, em qualquer das cinco rubricas designadas no numero anterior, uma media superior a dez valores, poderá ser excluido do lyceu, mediante o voto affirmativo do conselho escolar. Aos professores será recommendado o mais cuidadoso rigor no apuramento das respectivas notas.

As faltas de presença, numerosas e amiudadas, seja qual fór a razão que as justifique, podem determinar, mediante igual formalidade, igual procedimento.

## 9.º

São consideradas faltas de presença a falta dos instrumentos de trabalho escolar (livros, cadernos e outros) que ao alumno pertença apresentar na classe, bem como a falta de apresentação de quaesquer exercicios ou trabalhos que lhe hajam sido ordenados pelos professores.

## 10.º

Deverá ser, *ipso facto*, afastado da escola o alumno que não tenha aproveitamento sufficiente em qualquer disciplina litteraria ou scientifica, quando esse facto coincida com a insufficiencia de notas de comportamento escolar a que se refere o n.º 8.º.

## 11.º

O apuramento, nas classes complementares especialmente, obedece ao criterio da qualidade e não ao da quantidade. O lyceu quer dar o maior prestigio ao seu diploma final, e por isso o recusa aos alumnos que não resistam a uma rigorosa selecção; mas facilita-lhes o exame de sahida como *externos*, no proprio estabelecimento ou em qualquer outro.

## 12.º

Na ultima classe, considerada de transição para a vida pratica ou para o ensino superior, a mão forte da Escola sobre o alumno cederá a um systema de independencia relativa ou de vigilancia discreta e atenuada, por forma que este se habitue gradualmente ao regime de trabalho voluntario ou livre em que vae dentro em pouco iniciar-se.

## 13.º

Nos exames, cujo numero será reduzido ao minimo, procurar-se-ha fazer cessar a confusão entre o *saber dizer* e o *saber fa-*



BARCELLOS NA FEIRA

LEIZOR: Tens encarnada n'essa componia um typo de Venus de Milo...

zer, dando-se por isso a maior importancia ás provas de character pratico e ás escriptas, convenientemente garantidas, mais pela educação que pela fiscalização, contra a suspeita de fraude que em geral as inquina entre nós.

14.º

A pontualidade e assiduidade dos professores é considerada o melhor incitamento á pontualidade e assiduidade dos alumnos, e a base imprescindivel da auctoridade moral, e portanto educativa, d'aquelles para com estes; mas, quando um professor, por excepção justificada, deixe de comparecer ou demore a sua comparencia, outro professor tomará o seu logar na respectiva classe, ou para presidir á lição do dia, ou para dirigir os alumnos em qualquer outro trabalho util e opportuno.

15.º

A cooperação regular e consciente da familia com a Escola é indispensavel e será

promovida por esta, por meio de conferencias para os paes dos alumnos, de publicações annuaes distribuidas ás familias, etc.

N'essas conferencias ou publicações attende-se ha sobretudo a orientar a familia na installação do quarto de estudo do alumno, na hygiene intellectual e physica a que este deve ser submettido e na maneira de auxiliar o seu trabalho lectivo domestico sem lhe enfraquecer a iniciativa, habituando-o lamentavelmente a contar mais com os outros que consigo e a apresentar como seu o producto do esforço alheio.

16.º

Quando se demonstre que não foi feito pelo alumno qualquer exercicio ou trabalho caseiro apresentado por elle como tal, o director da classe assim o communicará sem demora ao Reitor, que convidará a pessoa encarregada da educação do alumno a vir á sua presença, para tomar conhecimento do facto e promover que elle se não repita.

Em caso de falta de accedencia a este convite, ou de reincidencia na fraude por parte do alumno, poderá este ser afastado do lyceu, mediante voto affirmativo do conselho escolar.

17.º

Não pode ser indifferente á Escola a vida do alumno fóra d'ella, durante o periodo do curso secundario e depois d'este.

As faltas commettidas pelos alumnos fóra do lyceu, mas das quaes resulte escandalo e desdouro para a escola, considerar-se-hão como praticadas dentro d'ella.

A corporação escolar promoverá a fundação de um gremio dos antigos alumnos, que terá por principal missão celebrar, dentro do edificio lyceal, reuniões periodicas de commemoração e fornecer para o annuario do lyceu notas pessoaes sobre o destino dos antigos alumnos, e especialmente sobre o seu progresso n'outras escolas, ou na carreira a que se tenham dedicado.

Caxias, 27 de maio de 1911.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

Se queres dominar o mundo, deixa dominar-te pela razão.

SENECA.

## Dos nossos poetas

### A ZUA ROCA

QUANDO te vejo, á noitinha,  
Nessa cadeira sentada,  
O chale posto nos hombros,  
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,  
Volvendo o fuso nos dedos,  
Os labios contando ao fio  
Da tua bocca os segredos,

Eu digo sempre baixinho  
Pondo os olhos na tua roca:  
«Se eu pudesse ser estriga,  
Beijaria aquella bocca!»

Eu nunca te vi fiando  
Sem invejar os desvelos  
Com que desfias do linho  
Os brancos, finos cabellos.

E aquella fita de sêda  
Que se enleia no fiado?  
Eu nunca vejo essa fita  
Que me não sinta enleado.

(1) Poeta caracteristicamente popular pela simplicidade, pela graciosa ingenuidade dos seus versos. — Espontaneas, naturaes, como um veio de agua limpida, sem artificialismos que lhe embacem

*Eu por mim não sei que sinto,  
Se tristeza, se ventura,  
Mal que suspendes a roca  
Da tua breve cintura.*

*Penso que fias nos dedos  
Os dias da minha vida:  
Ao pé de ti, sempre curta,  
Ao longe, sempre comprida.*

*Parces-me um ramilhete  
Sentada nessa cadeira,  
E a fita da tua roca  
A silva de uma roseira.*

*Meu amor, quando acabares  
De espiar a tua estriga,  
E ouvires por alta noite  
Em voz baixa uma cantiga,*

*Sou eu que estou a lembrar-me  
Dos beijos de tua bocca.  
E penso que em mim são dados  
Os beijos que dás na roca.*

(1) SIMÕES DIAS.  
(1884-1899)

e desfigurem a sua pureza, as quadras de Simões Dias são cantadas pelo povo, que as comprehende e as sente porque traduzem o nosso sentimentalismo bucolico e amoroso.

## Barcellos na Feira

(CONTINUAÇÃO)

UMA noite ida certa reboada de estudantes — estremecidos ruidosamente pela faisicante sensação de enthusiasmo que a «divina Sarah» lhes communicara á enebriante luz da ribalta — quando a grande tragica mergulhada no *landeau* que a ia transportar ao hotel, desatrearam os cavallos e tiraram o vehiculo.

Se o culto á Arte tinha impulsionado a mocidade a este rasgo, talvez com igual razão, o forte, o quente sangue dos vinte an-

nos, podia tambem levar os jovens de hoje a conduzir pelas ruas de Barcellos o carro em que pousa essa beldade, a titulo de *scena pagã*, homenageando o Bello!

... Leitor: perdôa se abuso da tua já lendaria bondade. Confesso-te que, jámais, andei á cata de corações fracos para os explorar.

Mas... diz-me, sem titubeios, se esse palminho de cara que mostra a photogravura não bole com o teu systema nervoso.

Abandona o rheumatismo, que acaso te tortura as *canellas* ou afflige as *cadeiras* e contempla com religiosa compostura esse famoso quadro.

Tens encarnada n'essa camponia um typo de Venus de Milo, porém *super-perfeita* pois possui dous braços roliços o que não succede á extraordinaria esculptura antiga.

\*

A vendedeira de fructas merece que a seu respeito tu, amigo, bordes algumas considerações.

Dá, um pouco, tratos á imaginação. Vê que a um dos angulos do gravado alguém foi discretamente cortado pelo *cliché* e faz alli, á *mão de semear, quarto de sentinella*, morrendo-se de raiva quando algum moceção, pretextando comprar maçãs, despeja sobre a camponesa todo o mel do vocabulario amoroso. . .

\*

Começo a ter pena de mim agora que procuro, trepado nos meus quarenta annos, olhar já atravez a lente da saudade.

Na solidão do meu quarto, a horas mortas, quando o Rio de Janeiro cobra alentos para, madrugada em fora, rebentar no barulho atroador das carroças, dos pregões, dos electricos — é esta uma das cidades do mundo que acorda mais cedo e mais ensurdecidamente! — no momento em que a Sebastiaopolis está pespegada em somno solto, fico sensibilizado deitando, tolerem-me o calão, o rabo do olho n'esse leitor de reportorio!!!

Não houve ha trinta annos em Portugal nem folheto, nem livro, nem periodico, nem diario, nem revista, que exercesse no espirito publico influencia tão poderosa como a do famigerado «Seringador»

E' elle, depois do dictionario publicado em Evora pelo illustre bibliothecario Barata, a melhor, a mais bem escolhida collecção de aneddotas que possui a nossa lingua.

Recordou-me a scena a acção imperiosa que esse almanak teve na formação do meu cerebro. Devo, creio que a elle, o bom humor que tenho aguentado na vida e tem sido para mim, como Milton o classificou, tonico poderoso.

Ah! se ás vezes me azedo sondando os homens, vem logo a reacção do bom senso, e o habito de encarar as cousas pelo melhor lado volta a *occupar a posição primitiva*.

. . . O «Juizo do anno» que occupa a at-

tenção do feirante leitor dirigiu a cabeça de muita gente.

Não era sómente um «juizo», era um oraculo.

No tempo de Fontes e de Braamcamp ninguém semeava, nem mondava, nem deitava ovos, cortava ou serrava madeira sem previa e cautelosa e prudentemente consultar o «Seringador».

Os nossos paes não encetavam jornada, não caçavam, não pescavam, sem lerem a *sentença* que a proposito escarrapachava esse reportorio.

O matador não chacinava o porco senão na precisa altura da lua, para que a sangria fosse abundosa e a carne aguentasse tempo.

Veja-se como o Zé se alheia a tudo que não seja o «juizo do anno». Parece estar só no meic da multidão.

N'aquelles poucos momentos de leitura armazena na memoria limpida, bagagem litteraria e scientifica para todas as espadelladas, e malhadas, e feiras, e romarias, e improvisos!

(Continúa).

A. SOUCASAUX.

## Cartas de longe . . . a longe

Pará, 24 de maio de 1911.

Meus amigos.

Só hoje recebi o numero 18 do nosso *Barcellos Revista* de 30 de abril passado e foi, como sempre, com verdadeira satisfação que vi chegar o mensageiro da minha terra.

D'esta vez porém, juntamente com as palavras amigas, mais amigas do que merecidas, do bom amigo J. B., que tanto me penhoraram, trouxe-me a confirmação de uma triste noticia que ainda ha pouco me tinham mandado e em que eu não queria acreditar: que não se faziam este anno as festas das Cruzes.

Fez-me isto immensa pena e uma grande tristeza que a auzencia, as saudades da nossa terra ainda mais fizeram avolumar.

Não sei quaes foram as razões, certamente ponderosas, que impediram a realisação

das festas, nem aqui, de tão longe, e sem elementos seguros de informação, poderia apreciar-las com justiça. Mas, barcellense de nascimento e do coração, é com muita magua que vejo que Barcellos assim deixa esquecer uma das suas mais queridas tradições, esquecendo ao mesmo tempo os seus interesses, e peço aos meus patricios que me permittam que, mesmo de longe, faça sobre o assumpto algumas considerações que me suggere o muito amor que tenho á nossa terra.

\*

Das poucas informações que recebi concluí que, em vista das difficuldades insuperaveis com que luctou para realizar a indispensavel subscrição, a Commissão encarregada de organizar as festas resignou o seu honroso, embora difficil mandato.

Se foi este o motivo, teve razão a Commissão; sem dinheiro não é possível fazer as festas; e é inexplicavel, e lamentavel ao mesmo tempo, que não tenham querido concorrer com a sua cotização aquelles que com as festas mais tinham a lucrar. Custa a acreditar como haja ahí alguém que tão mal comprehenda os seus verdadeiros interesses! As consequências da falta das festas melhor do que quaesquer outras explicações lhe mostrarão o seu erro.

Mas, embora o dinheiro seja indispensavel, não é como se diz em Mathematica condição necessaria e sufficiente; é só necessaria, não é sufficiente. E' preciso mais alguma coisa. E' preciso, por exemplo, que a commissão que acceta o encargo difficil, mas honroso, de organizar e dirigir as festas tenha, além de uma boa e nitida orientação e de uma grandê cohesão, muita força de vontade, muita energia, muita tenacidade.

Quero crer que nada d'isto faltaria á digna Commissão, embora não saiba os nomes dos seus illustres membros. Mas... teria tambem tido uma grande dóse de paciencia?

Pois é esse um dos requisitos mais indispensaveis para qualquer commissão poder ahí fazer alguma coisa. Fallo por experiencia propria.

Infelizmente uma parte dos nossos patricios, comquanto reconheça que as festas são um beneficio para Barcellos, não se conven-



#### BARCELLOS NA FEIRA

Veja-se como o Zé se alheia a tudo que não seja o  
"Julzo do anno,,...

ce de que todos os barcellenses, cada um na medida das suas forças, tem o dever indeclinavel de concorrer para ellas, uns com o seu dinheiro, outros com o seu trabalho ou com a sua intelligencia, mas todos com a sua boa vontade, com a sua dedicação, com o seu patriotismo. Todos lucram com ellas. mesmo materialmente fallando, porque o dinheiro que ahí vão deixar os milhares de forasteiros que a fama d'ellas attrahe, dividido, repartido, canalizado, vae beneficiar a economia da terra, favorecendo o commercio, animando a agricultura, promovendo o desenvolvimento das mais pequenas industrias locais, o que tudo significa melhoria das condições economicas até para os particulares.

E para aquelles que, acima dos seus pequenos interesses immediatos, collocam o interesse muito mais importante da sua terra e da collectividade ha ainda a satisfação

# O AMOR

*AMOR é um fogo que arde sem se ver ;  
E' ferida que doe e não se sente ;  
E' um contentamento descontente ;  
E' dôr que desatina sem doer ;*

*E' um não querer mais que bem-querer ;  
E' solitario andar por entre gente ;  
E' um não-contentar-se de contente ;  
E' cuidar que se ganha em se perder .*

*E' um estar-se preso por vontade ;  
E' servir a quem vence o vencedor ;  
E' ter com quem nos mata lealdade .*

*Mas como causar pode seu favor  
Nos mortaes corações conformidade,  
Sendo a si tam contrario o mesmo amor ?*

LUIZ DE CAMÕES.

de terem, concorrendo para as festas, cumprido um dever sagrado de patriotismo. E penso que tambem este lucro não é para desprezar.

\*

A subscrição é sempre a grande difficuldade com que teem de lutar os organisadores da festa, a origem de muitas sensaborias e desgostos, a causa de muitos desalentos. E' o problema a resolver para o futuro, agora que as circumstancias tão claramente o pozeram em equação.

O systema adoptado até agora tem de ser modificado adaptando-o ás novas condições que a evolução na orientação das festas impõe. E' preciso escolher outro, e creio que ninguem melhor do que a ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal, representante do povo do concelho, e a ex.<sup>ma</sup> Associação Commercial, representante das classes mais directa, immediata e materialmente interessadas no assumpto, o pode estudar e resolver.

Mas seja-me permitido apresentar tambem um alvitre.

O processo de andar a pedir de porta em porta deve ser posto de parte; sobre ser, muitas vezes, vexatorio, está visto que não corresponde ás necessidades da situação. Melhor seria, por exemplo, o processo da

subscrição por listas. Essas listas seriam distribuidas pelas differentes associações, gremios, classes, collectividades, freguezias, e por determinados estabelecimentos commerciaes, que todos se encarregariam da cobrança entregando-as depois com as quantias apuradas á Commissão das Festas, o mais tardar no fim de fevereiro, para que a Commissão tivesse tempo de estudar, discutir e elaborar o seu programma, e dedicar-se depois, sem outras preoccupações, á sua execução. Assim se evitaria muito dissabor e muito contratempo e a Commissão, sabendo os recursos com que poderia contar, assentaria em bases seguras o seu orçamento fazendo caber dentro d'elle o programma definitivo.

Para isto, porém, poder dar algum resultado é necessario começar a trabalhar quanto mais cedo melhor, de modo que no principio do inverno as listas sejam distribuidas, e fazer coincidir com o inicio dos trabalhos uma activa e bem orientada propaganda, dirigida pela ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal e pela ex.<sup>ma</sup> Associação Commercial e apoiada pela imprensa e por todos os patriotas sinceros.

Ahi fica o alvitre que me parece perfeitamente exequivel.

\*

Deixei para o fim fallar na «Parada Agrícola».

Foi de tudo o que mais me surpreendeu que não se tivesse feito este anno, e cuido que não de ter sentido a mesma dolorosa surpresa todos os que viram as duas que já ahi se fizeram, que poderam avaliar a sympathia com que a ideia foi acolhida e o commovido entusiasmo que a realisação d'ella despertou, e que comprehenderam o que d'aquella linda festa da lavoira regional havia a esperar para o desenvolvimento da nossa agricultura e para o renascimento da vida local da nossa terra.

Não eram de encomenda, não eram fingidos o entusiasmo, a dedicação com que, desinteressadamente, collaboraram na «Parada Agrícola» os lavradores das nossas aldeias. Foram elles os seus principaes operadores. Comprehenderam instinctivamente o que aquillo significava e foi do coração que concorreram para que resultasse

brilhante a apothese do seu proprio trabalho, o nobre e honrado trabalho da terra.

E era por isso que d'esta vez, julgando, demais a mais, que ia enfim pôr-se á frente d'esse patriótico movimento a ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal, eu esperava que a «Parada Agrícola» fosse ainda mais imponente, mas significativa, mais impressionante do que as dos annos anteriores. E o meu coração vibrava, cá de tão longe, ao ver enfim tomar vulto, sancionada officialmente pelo Municipio, uma ideia, um sonho se quizerem, da minha alma de patriota. Era a nossa terra affirmando nobremente mais uma vez a sua forte vitalidade, era mais uma *etape* gloriosa e triumphante da campanha regionalista, era mais um grande passo, seguro, no caminho da autonomia municipal.

Foi triste e desconsolado o despertar do sonho !

\*

Fossem quaes fossem as causas que este

anno impediram a realização das festas, o que é preciso para bem da nossa terra é que tal não torne a acontecer. E' preciso que para o anno, para o futuro, ellas não deixem de se fazer cada vez mais brilhantes, cada vez mais esplendorosas.

A triste experiencia do passado, deve servir-nos de lição, aproveitemos-lhe sem recriminações estereis o ensinamento, e olhe-mos com confiança para o futuro.

Nada de desfallecimentos; nada de fraquezas; que a prosperidade da nossa terra seja o objectivo de todos os barcellenses. Aproveitemos este anno de descanso para accumular novas energias, para despertar novos enthusiasmos, para concentrar melhor os nossos esforços para a obra patriótica do levantamento moral e material da nossa terra. Cumpriremos assim um dever sagrado e só assim poderemos ser merecedores da honra de sermos cidadãos d'ella.

V. B.

## SANTO ANTONIO

NA crista da montanha, que o sol poente aloirava, Santo António, de mãos erguidas, olhava o ceu. A tarde ia-se nublando de trevas, o silencio adormecia os valles, o vento limpava o ar de nuvens. Na melancólica paz do anoitecer, vãos escuros de morcegos traçavam circulos no ar; e, mais altas, quasi a perder de vista, as azas negras dos milhafres pareciam immoveis, no azul illimitado.

A túnica andrajosa do santo tremulava no ar, como um pendão de misericórdia, sobre as cabeças, cheias de desvairamento, dos homens. Estava esburacada pelo seu corpo emmagrecido em jejuns e penitencias. E, quando elle ajoelhava na terra dura, os cotovellos queriam romper-lhe a lâ esfiada e gastada do burel.

—Quando descerá sobre nós a tua justiça, Senhor? Christo prégon a verdade e poucos o ouviram. Não quiz ir germinar longe de Galilêa a semente do seu verbo. Que vento de perdição vae afogando a obra do Senhor? A devassidão gafou o mundo todo e a pieda-

de só encontra um abrigo nos cimos das montanhas!

Calou-se, trémulo, um suor de agonia a empastar-lhe na testa a grenha inculta de sonhador rude. Passou no ar uma rajada, trazendo gritos e ais de vencidos, sons de guerra, gemidos de moribundos... E as brisas da montanha faziam ecoár mais lugubrememente esse clamor de impenitentes, que o ar sumia, a pouco e pouco, nas trevas. E logo, de outro ponto, outra rajada, cálida, morna de perfumes, agitou as ramagens altas dos pinheiraes; eram canções roucas, de orgias, gargalhadas impudentes, de escarneo, blasphemias, estertores lascivos, que trovejavam no ar calmo da tarde.

—Senhor, Senhor! alumia-os com a tua graça!... Embebem-se, em peitos de irmãos, espadas homicidas. A terra, que os teus olhos abençoaram, é pisada pelas patas dos corceis e salpicada por um sangue maldito. E os filhos, dos que morreram empunhando uma lança, tombam embriegados nos braços das cortezãs, rasgam a alma nos cardos da deshonra e embrutecem-se com o vinho dos campos que os avós cavaram. Contpadece-te dos homens, Senhor!

## VILANCÊTE

CANTIGA

*Senhora, não vejo geito  
de me tornar mais ousado.*

VOLTAS

*Ao cabo já vos parece  
lêr-me amôr tomado o siso,  
este amôr que tudo esquece,  
que vos foge e apetece,  
eternamente indeciso.  
E já me olhais n'um sorriso,  
que mais de mófa parece.*

*Senhora, que mal vos vão  
modos tais p'ra tal amante,  
modos tais p'ra tal tenção!  
Ora vos digo em verdade  
que este receio constante,  
Senhora, não é ruindade  
que empeçonhe o coração.*

*Bem me tenho amofinado  
por me calmar êste fôgo.  
Vou p'ra falar-vos . . . e logo  
fico a tremêr, sufocado,  
um pêso enorme no peito . . .  
Senhora, não vejo geito  
de me tornar mais ousado!*

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

Um novo sopro de ventania veio refrescar-lhe o rosto. E eram aragens sadias do mar distante, um acre perfume de algas com um pouco do marulho das ondas; aromas de feno e lyrios; olorosas baforadas de violetas e de rosas. Nardo, magnólias, lilazes empallidecidos pelo luar, searas que o joio não maculava, pomares, com os cachos d'ouro das lorangeiras, com as cabelleiras prateadas dos limoeiros, tudo enviava ondas de perfumes que turvavam os olhos do santo, extasiado e desfallecido.

Sentiu acordarem em si, novamente, os desejos e as paixões carnaes, que donava em penitencias. Todo esse bafo morno, que a natureza lhe enviava, o penetrou e suffocou. A sua mocidade ardente de pagão, as mulhe-

res que tinha amado, os beijos dados a medo sob as folhagens discretas, crivaram-lhe de ancias a carne esmagada sob o peso da castidade. E agora, numa lucta suprema, desejos, anciedades, terrores e esperanças, o bem e o mal, a luxúria e a pureza, o paganismo e a fé, davam a grande batalha decisiva do seu destino. O santo curvara-se para a terra e, mordendo as urzes, colando o corpo ao sólo, numa grande agonia, rezava machinalmente, deslumbrado pela ronda diabólica das tentações que o mordiam lentamente no peito... E a terra, a que elle se abraçava, no esforço de as afastar, atraçoava-o, envolvia-o tépidamente em aromas, dava-lhe a impressão duma cortezã enorme e lasciva que o suffocasse em caricias...

—Senhor, misericórdia!

A vaga dos perfumes augmentava. Não eram apenas aragens do mar, aromas dos fenos, das violetas, das rosas, dos lyrios, das magnólias. Era o sopro ardente da flora do mundo inteiro, um turbilhão estonteante de perfumes, saturando o ar, envenenando os sentidos, fazendo cair de bôrco, sobre a terra, os animaes, olhos e narinas dilatadas, a bôca escancarada num paroxismo ansioso. Santo António cerrou os olhos e murmurou:

—Meu Deus!

A sua voz era lenta, sumida, o queixume dum vencido. E, erguendo-se num supremo esforço, cambaleou por momentos, estendendo os braços. Depois, caminhando um pouco, amparou-se a um tronco de arvore. Docemente, sem transição brusca, aquella áspera casca dum sobreiro foi-se amollecendo na carne tépida duma cintura de mulher. Num ramo abriram-se dois lábios, que se curvaram sobre elle e o queimaram na bôca.

Deu um salto de animal ferido, repellindo o corpo tentador. Com as mãos erguidas numa prece, rezou, rezou, commovido e humilhado pela revolta bruta da sua carne. Em dois grandes sulcos, as lágrimas corriam-lhe dos olhos mortificados. Mas sentiu passar, lentamente, o peso que lhe esmagava o peito. Uma tristeza vaga e indefinível serenou-o suavemente. Sentiu-se o peccador alquebrado de soffrimentos a quem Deus perdôa, a ovelha gafada que os dedos do Senhor tinham curado...

E o Espírito Santo desceu sobre elle e illuminou-o. No clarão, que o envolvia e bafejara, Santo António, de olhos e braços erguidos ao ceu, deixou-se tombar sobre os joelhos. Então, num tempestuoso ecoar de trovões, ergueu-se outra vez o grito dos vencidos, o clamor ululante das orgias, o som baço das armas entrechocadas. De novo a terra, numa baforada monstruosa, o quiz suffocar e aniquilar no hálito das rosas, do feno, dos lilazes, das magnólias. Mas elle nem os sentiu, enlevado na contemplação da luz suprema, aquecendo-se num raio della, purificado pela dor, eleito entre os eleitos. E, com a alma perdida em mundos distantes, os olhos paralyzados num extase, apenas os seus lábios sabiam murmurar machinalmente:

— Perdão, Senhor, perdão para todos que não aprenderam a adorar o teu nome divino!

LUIZ DA CAMARA REYS



## Divagando . . .

O meu velho professor reunia, ás vezes, os seus antigos alumnos, na grande varanda da sua linda casa sobre o rio.

Era quizi sempre ao cahir das longas tardes de verão. A agua de um verde-claro suave corria preguiçosamente, por entre o areal. Dobrados sobre a corrente, os amieiros formavam massiços de verdura que uma passarada buliçosa enchia de vida e animação.

Os barcos, vagarosamente, deslisavam pelo rio, deixando cahir, a compasso, as pás dos remos. E as andorinhas em voos rapidos, como de flechas, roçavam de leve a superficie mansissima da agua.

Ao largo, pelas margens, estendiam-se fartos campos, com fecundos milheiraes e uveiras cingindo amorosamente velhos carvalhos nodosos.

E de toda a paisagem que viamos, da agua a deslisar serenamente, dos largos campos, cercados de pinheiraes, da penumbra suave ao entardecer, subia até nós e penetrava-nos toda a alma, uma deliciosa paz, docemente repousadora.

Era então que o velho professor com a sua



BARCELLOS NA FEIRA

A vendedeira de fructas.

voz grave e placida, dizia á nossa mocidade irrequieta e sonhadora, graves palavras de estímulo e conselho.

. . . . . «Meus amigos, como é bella a natureza! como é serena, e fecunda e grandiosa a sua obra, a vida intensa, que toda ella realisa e produz!

Que força não ha em toda a seiva que circula nas suas plantas, na agua que corre nos seus rios, no sangue que gira na sua fauna! E vêde, como toda essa força desenrolada aos nossos olhos, formidavel e fecunda, como toda essa energia actuando, vivendo, produzindo, é calma e tranquillã no seu labor!

Quem pudesse fazer entrar tambem no coração humano tão inquieto e febril, tão amargurado e insatisfeito, toda esta paz laboriosa e calma!

Como seria então bella e feliz a vida da humanidade, como seria larga e productiva a sua obra!

Trabalhar alegremente, n'um grande esforço continuo e intenso, sem luctas febris e es-

têreis, n'uma grande harmonia, n'uma grande paz, como a repousadora paz dos campos, n'uma grande serenidade, como a do suave deslizar de um rio; como seria bello e grande, meus amigos!

E porque não havemos todos, de tentar um passo cada vez maior para esse fim, grandioso e puro como este ceu sem nuvens que nos cobre?

A humanidade na sua marcha para a perfeição é hesitante e morosa, mas sobe sempre.

Repelli os fracos, os cynicos, os scepticos que vos dizem que a alma humana não pode melhorar. Repelli-os a elles e a toda a esteril amargura que deixam as suas palavras damninhas, como as hervas ruins dos campos. Repelli-os, porque mentem.

No decorrer dos seculos, atravez da historia, o amor dos homens uns pelos outros, vae augmentando, vae alargando sempre, luz debil a principio, mas que alastra cada vez mais, n'um crescendo de intensidade e força.

Ha vinte seculos, amigos, só em Roma, existiam 900:000 escravos. Novecentos mil homens que podiam ser vendidos nos mercados romanos, como animaes, com etiquetas indicando a sua idade, a sua raça, as suas aptidões; que podiam ser mortos discricionariamente pelos senhores, porque não eram *homens*, eram *coisas (res)* e as *coisas* podem destruir-se, vender-se, abandonar-se. . .

Por isso, dizia Catão, o severo e justo censor de Roma, que se vendesse sem hesitação, como velha ferramenta, um velho escravo que não podesse trabalhar!

Olhae para os campos, meus amigos, onde trabalha hoje o lavrador, ignorante e ru.le, mas livre e respeitado na sua dignidade de homem. Em Roma, por esse tempo, quem mais trabalhava na terra eram os *escravos* conduzidos por feitores, que os maltratavam barbaramente.

A' menor falta eram chicoteados ou encarcerados nos ergastulos e ás vezes expiavam pela morte, crucificados, um gesto mais altivo de dôr e de revolta!

N'esses tempos remotos, os homens, ainda os mais justos e esclarecidos, achavam natural e legitima a escravidão.

E Aristoteles, um dos mais celebres e dos mais sabios philosophos da Grecia, dizia que

ella derivava, por uma lei necessaria, da natureza humana!

Estremeceis de horror, meus amigos? pois bem essa indignação e espanto que sentis, mostra-vos o largo passo que deu a humanidade, atravez de vinte seculos, no longo caminho que a levará á justiça e á fraternidade.

Longo e doloroso caminho, meus amigos, que só ha-de subir-se gradualmente, lentamente!

O escravo não se tornou de subito homem livre; antes de ser o colono independente, foi primeiro servo adscripto.

Ha dez seculos ainda uma grande maioria dos que trabalhavam na terra estavam presos á sua gleba, como as raizes das arvores que n'ella medravam.

Eram vendidos com a terra, com ella dados ou trocados.

Soffriam todos os vexames, todas as extorções que lembravam aos senhores.

Nem tinham ao menos, na sua vida amargurada, o direito de amar livremente, porque não podiam casar, sem auctorisação do proprietario da terra.

Ha tempos li n'um velho documento do seculo XI, que um servo de Pelayo Froilaz foi ao logar de Rovoreda, na Galliza, e casou ali com uma serva, que era vaqueira da condessa D. Ardio Diaz.

Quando Froilaz o soube foi a esse logar, prendeu o servo, separou-o brutalmente da mulher que tinha de ficar vinculada á sua terra, e levou-o comsigo. . .

Que differença dos tempos de hoje meus amigos!

Como nos conforta e estimula olhar para o passado e vêr como a humanidade é hoje melhor, mais justa, mais generosa! . . .

E então desperta em nós, mais forte, mais luminosa, mais viva, a esperanza de melhores tempos. . .

Uma geração que nasce é mais um passo.

E em vós, meus amigos, deve ser maior, mais ardente, mais apaixonada do que em mim, a sede de justiça, de tolerancia, de fraternidade. . .

. . . . .

Olhae acolá a corrente: dividida em pequenos veios divergentes, lucha em vão, contra

## QUADRAS DO NOSSO POVO

*Se os meus olhos te incomodam,  
Quando os vês na tua frente,  
Manda então que m'os arranquem  
Para eu te amar cegamente.*

*Egreja de Santa Cruz,  
Toda de pedra morena,  
Dentro de ti ouvem missa  
Dois olhos que me dão pena.*

*Não te namoro o teu oiro  
Nem os brinços das orelhas;  
Namoro-te esses dois olhos  
Por baixo das sobranceiras.*

*Que lindos olhos que tens  
Por baixo do teu chapéu!  
Parecem balanças de oiro  
De pesar almas no ceu.*

*Amorsinho da minh'alma,  
Ensina-me a tua arte:  
Ensina-me a aborrecer-te  
Que eu não sei senão amar-te..*

---

o areal que a absorve, e quasi se some perdida, inutil . . .

Mais alem junta-se a agua, humildes ríachos avolumam-a, accumulando-se, e aqui junto de nós é já uma corrente farta que move moinhos e fabricas, e vae dar vida e frescura aos campos, conduzida pela carinhosa mão do lavrador.

Hoje os homens vivem separados por interesses, por paixões, pela vaidade e pela intollerancia, em luctas estereis e mesquinhas.

Mas não-de unir-se mais e mais, engrossando como a corrente, tornando a vida mais fecunda, mais forte, mais bella, para ser vida.

A voz do nosso professor tornava-se então apaixonada e ardente; nos seus olhos cheios de intelligencia e de bondade, havia um grande clarão de crença e de esperanza.

Esperança que se contagiava ás nossas almas, enchendo-as de fé, de amor pela vida e da ambição de a tornar melhor.

J. B.

## O POVO

Este brilhante bi-semanario de Vianna do Castello, que tantas attenções tem tido de captivante deferencia e penhorante consideração para connosco, entrou no 4.º anno de publicação. Felicitamos com a maior sympathia este nosso muito distincto collega da imprensa, com os melhores votos pela sua prosperidade.

Ao mesmo tempo, agradecemos-lhe a transcrição do artigo «Culto do Passado», do nosso talentoso collaborador Horacio d'Amorim, e as palavras de extrema gentileza com que o acompanha.

---

### Cartas á minha vizinha

---

O nosso collaborador «Vizinho Importuno», pede para communicarmos á «Vizinha Amavel» que espera a conclusão da sua critica, promettida na ultima carta, para ter o ensejo e o prazer de começar a responder-lhe.

---

### AS GRANDES DESCOBERTAS PROXIMAS

---

A pedra que, segundo os alchimistas, deve operar a transmutação de todos os metaes em ouro, a pedra philosophal, emfim, não tardará a ser encontrada se acreditarmos nas pessoas que convivem com Thomaz Edison. Este está persuadido, parece, que nossos filhos crearão ouro á sua vontade.

Sem ser grande oraculo, póde-se prever que esta facilidade que terá em breve qualquer mortal de fabricar luizes, libras sterlinas, ducados, corôas, etc. — pode-se prever ousadamente, repetimos, que esta fabricação generalizada provocará mudanças enormes no systema financeiro do mundo.

---

Antes de tentar qualquer conquista no mundo, é preciso conquistar a alegria de viver.

ELLIK MORN.